

A MARGINALIZAÇÃO DE BERTOLEZA EM *O CORTIÇO*¹

Gilliard Duarte Silva

José da Paixão Souza Lobo²

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer uma breve análise da personagem Bertoleza do romance *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, focalizando seu processo de marginalização dentro do enredo deste trabalho literário. Para tanto, observa o contexto em que a obra foi escrita e destaca a influência das correntes científicas da época, tais como: determinismo, fatalismo e darwinismo, como determinantes na construção do romance. Esta obra, escrita no final do século XIX, numa época de grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, é um verdadeiro retrato deste período, com seus tipos humanos, sua descrição dos cenários, a denúncia das mazelas e patologias sociais. O desenvolvimento da narrativa nos mostra como o processo de marginalização da personagem Bertoleza (representante da classe escravista negra do século XIX) é justificado pela ideologia dominante, com uma sociedade dividida entre homens brancos livres e homens negros escravos, sendo os últimos condenados ao trabalho e a uma vida miserável, e os primeiros a uma ascensão social, com direitos a desfrutar de toda a riqueza produzida pela classe marginalizada.

Palavras-chave: negro, marginalização, determinismo.

Abstract: This article has as objective to inside make one brief analysis of the Bertoleza personage of the romance *O Cortiço* of Aluísio Azevedo, focusing its process of marginality of the plot of this literary work. For in such a way, it observes the context where the workmanship was written and detaches the influence of scientific chains of the time, such as: determinism, fatalism and Darwinism, as determinative in the construction of the romance. This workmanship, written in the end of century XIX, at a time of great social changes, economic politics and, is a true picture of this period, with its human types, its description of the scenes, the social denunciation of social wound and pathologies The development of the narrative in the sample as the process of marginality of the Bertoleza personage (representative of the black slaves classroom of century XIX) is justified by the dominant ideology, with a society divided between free white men and enslaved black men, being the last convict to the work and a needy life, and the first ones to a social ascension, with rights to enjoy of all the wealth produced for the kept out of society classroom.

Key words: black, marginality, determinism.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo professor Oton Magno Santana dos Santos, Especialista em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa.

² Graduandos em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XX – Brumado-BA.

1- Introdução

O romance *O Cortiço* foi publicado no final do século XIX, época em que a revolução industrial entrava no seu auge e grandes descobertas científicas impressionavam os homens da época. Coutinho afirma que:

De modo geral, 1870 marca no mundo uma revolução nas idéias e na vida, que levou os homens para o interesse e a devoção por coisas materiais. Uma geração apossou-se da direção do mundo, possuía daquela fé especial nas coisas materiais. É a “geração do materialismo”.³

Tantas transformações fizeram com que o Romantismo, gênero literário que dominou até então o mundo das letras, ficasse bastante desgastado. Era preciso um sopro de inovação. Em 1857, Flaubert publica *Madame Bovary*, que causa muita polêmica e influencia na criação de um novo estilo, o Realismo. Este apregoava a descrição correta da realidade em oposição ao “idealismo romântico”.

Uma vertente do Realismo foi o Naturalismo, que tinha Zola, como grande mestre. Coutinho assim define esta ramificação do Realismo:

O Naturalismo acentua as qualidades do Realismo, acrescentando uma concepção da vida que a vê como o intercurso de forças mecânicas sobre os indivíduos, resultando os atos, o caráter e o destino destes da atuação da hereditariedade e do ambiente. O espírito de objetividade e imparcialidade científicas faz com que o naturalista introduza na literatura todos os assuntos e atividades do homem, inclusive os aspectos bestiais e repulsivos da vida, dando preferência às camadas mais baixas da sociedade.⁴

Fundamentado nas obras de Émile Zola, Aluísio Azevedo, publica um grande romance naturalista em 1881, *O Mulato*, que faz sucesso no Rio de Janeiro. Ele acaba se mudando para a capital nacional e alterna trabalhos literários de pouco expressão (românticos folhetinescos) com grandes romances naturalistas. Em 1890

³ COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005. pág. 181.

⁴ *Ibidem*.

publica *O Cortiço*, romance que tem como principal característica a narração de grupos humanos, onde o que interessa é o conjunto e não as partes, focalizando mais as classes miseráveis, o cotidiano e as mazelas sociais. Cândido assim descreve o romancista:

Nesse romancista avulta, pela primeira vez nas literaturas de língua portuguesa, o impressionante poder de dar vida e corpo a agrupamentos humanos. Soube movimentá-los com perfeito domínio das situações, enquanto fixava as emoções particulares com traços de relevo das reações coletivas, em que o indivíduo se dissolve num todo amorfo.⁵

Como naturalista seu trabalho assemelhava-se mais a uma experiência científica, que teria que seguir rigorosas regras e métodos, conforma define Bernardi:

O romancista entregava-se ao exaustivo trabalho dos processos experimentais, analisando suas personagens e consoantes o mais rigoroso e absoluto caminho técnico-cientificista, fazendo com que eles se movimentassem dentro de certo determinismo para provar que seus atos se deviam a causas filosóficas, responsáveis pelas atitudes psicológicas e emotivas dentro de um contexto sócio-econômico-cultural. O homem observado pelo método científico, impessoal, como um caso a ser analisado.⁶

Portanto, a personagem no Naturalismo, no caso Bertoleza, é completamente dominada pelas circunstâncias, influenciada pelo meio, tendo pouco poder sobre si mesma, passando a impressão de não possuir vontade própria.

2- Análise da marginalização de Bertoleza

O romance *O Cortiço* tem uma gama enorme de personagens, e Bertoleza tem alguns capítulos de destaque na narração, como no capítulo I em que são descritos o nascimento do cortiço e o processo de enriquecimento de João Romão

⁵ CÂNDIDO, Antônio. *Presença da Literatura Brasileira: do Romantismo ao Simbolismo*. 9ª ed. São Paulo: Editora Difel, 1981. pág. 139.

⁶ BERNARDI, Francisco. *As bases da literatura brasileira*. Porto Alegre: AGE, 1995. pág.123.

ao lado de Bertoleza, e no capítulo XXIII, no qual temos o desfecho do romance com a morte da ex-escrava.

No início da narrativa, Bertoleza é uma escrava de um senhor cego de Juiz de Fora; ela trabalhava em uma quitanda e pagava parte de sua renda ao seu dono. A mesma morava com um carroceiro que acabou morrendo ao pegar uma carga muito pesada. Aproveitando-se do momento de fraqueza da vizinha, um português chamado João Romão torna-se confidente e conselheiro da pobre mulher. E logo acabaram amigados. Com as economias de Bertoleza, as suas e também usando de trapaças e roubos ele aos poucos vai construindo um cortiço. Nota-se nesta citação como a dupla foi construindo seu patrimônio:

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto.⁷

O amigo de Bertoleza é um personagem dominado pelo desejo de enriquecer cada vez mais. Aos poucos eles vão aumentando suas posses, mas sem desfrutar de luxos. Até que seu vizinho, o Miranda ganha um título do governo português de Barão do Freixal. Depois disto o sentimento de inveja e despeito toma conta do dono do cortiço que faz de tudo para igualar e superar o vizinho. A partir daí Bertoleza começa a sofrer com o desprezo do amigo que para ganhar status social planeja se casar com uma moça mais jovem, por coincidência a filha do Miranda.

A então indispensável companheira do português agora era a pedra no seu sapato, por isso ele queria se livrar dela. Fica clara a sua insatisfação com a velha companheira:

Uma vez deitado, sem ânimo de afastar-se da beira da cama, para não se encostar com a amiga, surgiu-lhe nítida ao espírito a compreensão do estorvo que o diabo daquela negra seria para o seu casamento.⁸

⁷ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Scipione, 2000. pág. 5

⁸ *Ibidem*. pág. 103

Todos os sofrimentos, os dias de trabalho sem domingo e feriado, a dedicação absoluta da amiga de Romão nada disso adiantava mais, ela já não servia. Era a lei do mais forte: os fracos ficam pelo caminho, só os poderosos sobrevivem.

O maquiavélico plano de se livrar de Bertoleza vai prosseguindo, só que ela acaba ouvindo a conversa de Romão com Botelho e num lance de coragem reclama seus direitos. Nota-se a ousadia em que ela demonstra no momento:

Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e me atira a toa! Exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar ano e sair ano, a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhãzinha até pelas tantas da noite, para ao depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! Não há de ser assim, seu João!⁹

A partir daquele momento, vira refém do medo, mas não se entrega fácil ao seu triste destino. Continua a trabalhar como antes, sempre fazendo seus serviços de dona de casa e no comércio.

Só que Romão já havia articulado e planejado seu casamento e por isso precisava livrar-se da antiga companheira. Por fim denunciou-a aos seus donos, já que o português não havia pago realmente a alforria da amiga, como tinha afirmado para a mesma. Acuada e vendo seu triste destino ela prefere se matar a se entregar.

Sobre as cenas finais do romance Bosi faz o seguinte comentário:

A natureza humana afigura-se-lhe uma *selva selvaggia* onde os fortes comem os fracos. Essa, a mola do *Cortiço*. Essa, a explicação das vilanias e torpezas que “naturalmente” devem povoar a existência da gente pobre. E essa também a causa do desfecho, que se quer trágico, mas é apenas teatral.¹⁰

⁹ AZEVEDO. Op. cit. pág. 150.

¹⁰ BOSI, Alfredo, *História concisa da Literatura Brasileira*. 41ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. pág. 191.

Observa-se que o final trágico da pobre Bertoleza, teatralizado é uma forma de ressaltar a dura realidade, em que só poderosos sobrevivem, pois para galgar posições na sociedade eles devem esmagar os pequenos.

Massaud Moisés afirma que “Os adeptos do Naturalismo procuraram reduzir a gênese dos conflitos pessoais e interpessoais a três fatores: a herança, o ambiente e o momento”¹¹, portando na construção do romance, em especial, da personagem Bertoleza, Aluísio Azevedo lança mão das teorias científicas da época tais como: o determinismo, fatalismo e darwinismo.

O determinismo, de Taine, afirmava que tudo era produto do meio, da raça e do momento histórico, ou seja, tudo é determinado por variantes biológicas. Coutinho afirma que:

“As circunstâncias externas determinam rigidamente a natureza dos seres vivos, inclusive o homem, e de que nem a vontade, nem a razão podem agir independentemente de seus condicionamento passado”. É a noção da onipotência do ambiente, ou “milieu” de Comte e Taine. O homem é parte integrante da ordem natural, e seu corpo tanto quanto seu espírito se desenvolvem e atuam debaixo de seu condicionamento total e inevitável.¹²

Dentro do romance, nota-se a aplicação desta teoria científica em muitas passagens do texto, para ilustração observa-se neste trecho características do determinismo:

Escondia-se de todos, mesmo da gentalha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara.¹³

Outra característica de *O Cortiço* são as descrições que o autor faz sobre Bertoleza que em muitas passagens soam racistas, não afirmando que Aluísio Azevedo assim o fosse, mas que o estilo literário era muito propenso à utilização de uma linguagem descritiva com comparações grotescas, como nesta passagem:

¹¹ MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

¹² COUTINHO. Op. cit. pág. 184.

¹³ AZEVEDO. Op. cit. pág. 132.

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem.¹⁴

A ex-escrava jamais poderia galgar uma posição de destaque em razão de sua ascendência negra em comparação ao branco representado pelo português João Romão que, embora não tivesse as virtudes da amiga, era “biologicamente mais evoluído” que a amasiada, segundo as teorias da época.

Ao examinar a situação de Bertoleza, é preciso entender que o país era extremamente preconceituoso e os negros recém libertos ficaram à margem da sociedade dos brancos, não conseguindo se integrar a ela.

Quase todo século XIX foi caracterizado pela convivência na sociedade brasileira de homens livre e escravos, estes últimos estavam condenados ao trabalho, sendo que poucos conseguiam a liberdade e quando conseguiam ficavam a mercê de preconceitos e da falta de estrutura da sociedade em acolhê-los. Assim relata Caio Prado Jr.:

O trabalho escravo nunca irá além do seu ponto de partida: o esforço físico constrangido não educará o indivíduo, não o preparará para um plano de vida mais elevado. Não lhes acrescentará elementos morais; e pelo contrário, degradá-lo-á, eliminando mesmo nele o conteúdo cultural que porventura tivesse trazido do seu estado primitivo.¹⁵

É interessante notar que a publicação de *O Cortiço* foi em 1890, dois anos após a libertação dos escravos e um ano após a proclamação da república, portanto racismo e intolerância com os negros eram muito comuns. Para piorar a situação surgem na Europa teorias científicas que tentam comprovar a superioridade do branco, conforme afirma Telles:

¹⁴ AZEVEDO. Op. cit. pág. 100.

¹⁵ PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 14ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976. pág. 343.

No século XIX, enquanto a escravidão estava em vias de ser abolida no continente americano, a ciência veio para validar a dominação racial, ao propor que caucasóides eram superiores às pessoas não brancas, em especial aos africanos.¹⁶

Como exemplo destaca-se esta passagem em que Bertoleza é comparada a um animal: “O que custava aquele homem consentir com ela, uma vez por outra, se chegasse para junto dela? Todo dono, nos momentos de bom humor, afaga seu cão...”¹⁷ e nessa outra passagem: “Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.”¹⁸

Darwin também foi uma grande influência na construção do romance. Assim sua teoria é descrita:

Na base de sua teoria evolucionista, Darwin colocou a luta pela vida, segundo a qual em cada espécie animal existe uma permanente concorrência entre dois indivíduos. Somente os mais aptos conseguem sobreviver e a própria natureza se incumbem de proceder a essa seleção natural.¹⁹

No enredo do romance, o darwinismo é transposto para o social, apregoando que a sociedade só seria ideal, perfeita se tivesse como base a concorrência entre os indivíduos onde os mais aptos sobrevivem.

Como exemplo, pode-se citar esta passagem em que Bertoleza, num lance de desespero, tenta uma fuga:

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapular, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— É esta! Disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!

¹⁶ TELLES, Edward Eric. *Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. pág. 43.

¹⁷ AZEVEDO. Op. cit. pág. 132

¹⁸ Ibidem. pág. 08

¹⁹ NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. 6ª. ed. São Paulo: Balsa Planeta Internacional Ltda., 2002. v. 5.

Outra teoria que é notada no romance é o Fatalismo de Schopenhauer que defendia a seguinte tese: “O homem está fadado à dor e ao sofrimento, e seu prêmio é a morte.”²⁰

Exemplificando, tem-se o triste fim de Bertoleza como se vê nesta passagem:

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.²¹

Como se observa, todo o desenrolar dos fatos, a construção das cenas e o final do romance foram metodicamente construídos fundamentados nas teorias científicas em moda na época. Esse fato não invalida o caráter denunciador do romance, pois embora a elaboração da personagem Bertoleza pareça muito artificial, o tipo humano representado por ela era muito comum, e Aluísio Azevedo a utiliza como forma de mostrar a dura realidade de um negro numa sociedade preconceituosa.

Bertoleza e toda a gama de personagens de *O Cortiço*, devido à narrativa tratar-se de um clássico da nossa literatura, são muito estudados pela crítica literária e entre eles destacam-se Cândido e Romano.

Estes dois teóricos literários têm visões diferenciadas a respeito do romance, e, a partir de suas análises pode-se entender um pouco mais do processo marginalizatório de Bertoleza.

Affonso Romano de Sant’Anna analisa *o Cortiço* de um prisma estruturalista, com pares opostos entre si. Ele lê o romance a partir de dois conjuntos que se opõem e se relacionam: o conjunto I se refere ao cortiço propriamente dito e o conjunto II ao sobrado do Miranda. No primeiro conjunto existe o predomínio do: instintivo, irracional, violento. O predomínio dos instintos, presente no núcleo do cortiço, estabelece uma relação de semelhança com os animais: este é o núcleo de Bertoleza. Já no conjunto II existe o contrário, o predomínio da razão, da prudência, do relacionamento, em tese mais tranqüilo: é o núcleo do Miranda, vizinho de Romão. Segundo Romano, o português dono do cortiço, acaba passando do

²⁰ BERNARDI. Op. cit. pág.124.

²¹ AZEVEDO. Op. cit. pág. 132.

conjunto I para o conjunto II quando decide casar-se com Zulmira, a filha do Miranda. Desta forma ele evolui, ao passo que Bertoleza morre e outros personagens continuam pobres, miseráveis e passando por privações.

Romano também faz um estudo do papel das mulheres dentro do enredo, e Bertoleza se encaixa no papel de mulher objeto, conforme a citação:

Mulher-objeto. Exemplifica-se inicialmente em Bertoleza, elemento feminino que se associa ao masculino (Romão) para criação do cortiço. Macho e fêmea trabalham dia e noite, e quanto mais o tempo passa, mais o macho se afasta da fêmea, uma vez que ela era peça fundamental apenas no princípio da carreira de Romão: “à medida que ela galgava posição social, a desgraçada descia mais e mais, fazia-se mais escrava e rasteira”²²

Portanto, Bertoleza, é vista como um objeto de exploração de João Romão e também uma mulher guiada apenas pelo instinto de sobrevivência, sem poder galgar uma vida mais decente.

Já Cândido analisa *O Cortiço* a partir de lentes marxistas conforme Martiliano Silva. Assim como Affonso Romano de Sant’Anna ele vê o romance como a passagem de um sujeito de uma situação de animalidade, natural, para uma situação melhor, a cultura.

Ele nesta citação define a natureza das relações entre os personagens de *O Cortiço*:

A passagem do espontâneo ao dirigido manifesta acumulação do capital, que disciplina à medida que se disciplina, enquanto o sistema metafórico passa do orgânico da natureza para o mecânico do mundo urbanizado.²³

²² SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1974 apud SILVA, Marcos Antonio Martiliano. *Breve reflexão sobre duas leituras de O Cortiço, de Aluísio Azevedo*. São Paulo: Revista Letra Magna, N.1, Set. 2004.

²³ CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993, p. 65-79 apud SILVA, Marcos Antonio Martiliano. *Breve reflexão sobre duas leituras de O Cortiço, de Aluísio Azevedo*. São Paulo: Revista Letra Magna, N.1, Set. 2004.

Fora isso, ambos divergem quanto à forma de interpretação, já que Cândido analisa a obra de Azevedo como uma luta de classes, onde o mais forte (Romão) explora os mais fracos, entre eles Bertoleza.

Os pobres que trabalham em condições mais degradantes são rebaixados ainda mais à condição de animais de carga, vermes. Essa descrição leva Cândido a crer que o grau de exploração dos mais fracos é devido à situação econômica do Brasil no século XIX, ao lado de um capitalismo muito rude com relação aos pobres.

Portanto, no prisma de Cândido, Bertoleza é mais uma oprimida socialmente, onde João Romão faria o papel do inescrupuloso explorador.

3- Considerações finais

Bertoleza tem uma grande importância para o enredo do romance. Foi seu trabalho duro e dedicado que ajudou João Romão a se tornar um poderoso homem. O maior erro dela era confiar demasiadamente nele e também não ter uma outra opção de vida, uma vez que tudo o que possuía já significava muita coisa para aquela época, sendo o simples fato de estar amigada com um branco influente, constituir-se uma dose de “elevação social” conforme o autor deixa claro no romance.

A descrição, que é uma característica marcante do período literário, não foi muito agradável com a personagem, pois se utiliza uma linguagem vulgar, com expressões grotescas e com comparações a animais de carga. O negro escravo era considerado “um ser” condenado ao trabalho, sem possibilidade de desfrutar da sua produção, sendo reduzido a um animal desprovido de razões e sentimentos, tendo utilidade exclusivamente para o trabalho.

Como cientificista, Azevedo, não quis dar-lhe um outro destino, já que entre os fundamentos do movimento naturalista está a frieza na revelação das mazelas sociais e um forte pessimismo, com destinos trágicos para várias personagens.

Na literatura contemporânea talvez o destino de Bertoleza tivesse uma versão menos trágica. No entanto é típico da literatura da época exercer o papel de denúncia social, com objetividade e imparcialidade, caracterizando uma marca do

período. Contudo Aluísio Azevedo conseguiu imbuir na personalidade da ex-escrava uma virtude, fazendo com que a mesma não aceitasse seu triste destino, pois ela lutou o quanto pode contra o determinismo que insistia em condená-la. Entretanto, o remédio foi caro: sua própria vida.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Scipione, 2000.

BERNARDI, Francisco. *As bases da literatura brasileira*. Porto Alegre: AGE, 1995.

BOSI, Alfredo, *História concisa da Literatura Brasileira*. 41ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.

_____. *Presença da Literatura Brasileira: do Romantismo ao Simbolismo*. 9ª ed. São Paulo: Editora Difel, 1981.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. 6ª. ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda.,2002. v. 5.

PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 14ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1974.

SILVA, Marcos Antonio Martiliano. *Breve reflexão sobre duas leituras de O Cortiço, de Aluísio Azevedo*. São Paulo: Revista Letra Magna, N.1, Set. 2004.

TELLES, Edward Eric. *Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.